



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA  
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**MARIA CLARA PEIXER E RENATA ROCHA**

**FOTOGRAFIA E SEMIÓTICA: NOTAS E SIGNIFICAÇÕES SOBRE OS GESTOS  
DOS HABITANTES DE BRASÍLIA - DF**

**BRASÍLIA**

**2013**

MARIA CLARA PEIXER E RENATA ROCHA

**FOTOGRAFIA E SEMIÓTICA: NOTAS E SIGNIFICAÇÕES SOBRE OS GESTOS  
DOS HABITANTES DE BRASÍLIA - DF**  
UM LIVRO FOTOGRÁFICO DE ANÁLISES GESTUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília como requisito para obtenção de graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Professora Doutora: Cláudia Busato.

Brasília  
2013

MARIA CLARA PEIXER E RENATA ROCHA

**Fotografia e semiótica: notas e significações sobre os gestos dos habitantes  
de Brasília - DF**

Um livro fotográfico de análises gestuais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Centro Universitário de Brasília como requisito  
para obtenção de graduação em Comunicação  
Social com habilitação em Publicidade e  
Propaganda.

Banca Examinadora

---

Cláudia Busato  
Orientador

---

Professor Bruno Nalon  
Examinador

---

Professor Lourenço Lima  
Examinador

Brasília  
2013

## AGRADECIMENTOS

Temos o orgulho de expor a nossa gratidão às pessoas que foram essenciais no desenvolvimento desse Memorial e do livro “Fotografia e semiótica: notas e significações sobre os gestos dos habitantes de Brasília”. A toda a equipe de professores e ao UniCeub o nosso “obrigada” por tudo.

## **RESUMO**

Este memorial expõe a base teórica e o processo de elaboração do livro “Fotografia e semiótica: notas e significações sobre os gestos dos habitantes de Brasília”, que tem como objetivo trazer à visão da sociedade uma série de experiências visuais para expandir a capacidade de entender a linguagem corporal que também é parte integrante do processo de comunicação.

**Palavras-chave: gestos, fotografia, linguagem corporal, semiótica.**

## Sumário

1 Introdução.....	6
2 Tema .....	7
3 Objeto.....	7
4 Objetivos.....	7
4.1 Objetivo geral .....	7
4.1 Objetivos específicos .....	7
5 Justificativa .....	8
6 Referencial teórico.....	8
6.1 Linguagem Corporal/não verbal .....	8
6.2 Semiótica.....	11
6.3 Fotografia e semiótica .....	15
7 Metodologia .....	17
8 Cronograma.....	18
9 Considerações finais .....	19
10 Referências .....	20

## 1. Introdução

Este projeto experimental tem como objetivo desenvolver um livro fotográfico sobre a linguagem corporal dos habitantes de Brasília - DF. As imagens representam o fascinante repertório comunicacional do corpo. As expressões do tipo: esfregar as mãos, cruzar os braços e enrugar a testa, atestam a existência de uma relação entre os gestos corporais e os sentimentos ligados a ele, essas expressões são claras, senão, universais. O livro trará uma abordagem simples e corriqueira, contendo as análises gestuais de todas as fotografias capturadas. Para tanto partiu-se de algumas premissas teórico-conceituais. A Semiótica, por exemplo, tem como objeto de investigação todas as linguagens possíveis no interesse de examinar os modos de constituição dos fenômenos de produção, de significação e de sentido. Por ela pode-se descrever e analisar os fenômenos e sua constituição como linguagem. A linguagem é um sistema social, histórico de representação do mundo podendo ser apresentada através da leitura, produção de formas, movimentos, imagens, sinais, gestos, sentimentos, expressões faciais, olhares, orientação do corpo, voz e postura. "Somos seres simbólicos, isto é, seres de linguagem" (SANTAELLA, 2007, p.2)

Quando se pensa em linguagem, logo vem à mente uma situação de verbalização, parece que as palavras tem um poder maior de levar a mensagem sem ruídos ao destinatário, mas pela linguagem do corpo também podem ser ditas muitas coisas, ela envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras. Este projeto parte do pressuposto de que a comunicação é um processo de interação em que as pessoas compartilham emoções, mensagens, ideias e com ela é possível influenciar o comportamento das pessoas. Uma forma de representação da linguagem não verbal pode ser uma fotografia, que expressa um momento de vida, de morte, uma paisagem que tinha um significado naquele instante, a fotografia, de fato, não representa apenas o resultado de um simples "clique". A subjetividade se revela: o fotografado pode mentir, provocar, chocar, gerar cumplicidade e provocar sensações.

O produto final que este projeto pretende é a montagem de um livro fotográfico feito de imagens de habitantes de Brasília realizando gestos cotidianos, como por exemplo, o gesto de amar, fumar, fotografar, dar as mãos, rezar, entre outros. As fotografias serão do tipo documental e formarão o cenário teórico para a estruturação do produto.

## **2. Tema**

Fotografia, semiótica e linguagem corporal.

## **3. Objeto**

O projeto em questão envolve planejamento, criação e execução da produção de um livro fotográfico tendo como objetivo retratar semioticamente a linguagem não verbal, através de fotografias documentais de habitantes da Capital Federal, Brasília-DF.

Inicialmente será realizada uma pesquisa bibliográfica para utilizar como base no trabalho teórico, também será feita uma pesquisa exploratória em livros de fotografias. O segundo momento será para captação das imagens. Após isso, será realizada uma apreciação das imagens para a construção de elementos analíticos, como signos e gestos, gerando significações que compreenderão a essência do projeto.

Para isso será imprescindível a revisão de literatura sobre semiótica, fotografia e a linguagem não verbal e análise de imagens. Esse estudo será um processo de descoberta, conhecimento, organização teórica e observação metódica das imagens produzidas, bem como a produção da forma e do conteúdo, projeto gráfico e finalização de um livro fotográfico.

## **4. Objetivos**

### **4.1 Objetivo geral**

- Produzir um livro sobre fotografia com olhar semiótico e análise da linguagem corporal.

### **4.2 Objetivos específicos**

- Captar 12 cenas cotidianas (gestos) por meio de registro fotográficos.
- Analisar as fotografias produzidas dentro de um contexto teórico.
- Analisar as expressões corporais dos habitantes de Brasília.
- Analisar a inter-relação entre a semiótica, fotografia e a linguagem corporal.
- Descrever o significado dos gestos nas fotografias.

## 5. Justificativa

Como levantado na introdução desse trabalho, a semiótica tem a função de descrever e discriminar todos os signos logicamente possíveis. Ela investiga as linguagens e suas significações. A linguagem é um instrumento físico por meio do qual os seres humanos tentam se comunicar, ela não é o único meio de comunicação mas, talvez, o mais importante.

A linguagem do corpo diz muitas coisas aos outros, é uma linguagem que não mente já que o corpo é um centro de informações para o próprio ser. O corpo fala através de gestos, expressões, olhares e quando as pessoas decifram os sinais da linguagem corporal elas armazenam e transmitem informações de como está a pessoa emocionalmente e o que ela quer comunicar inconscientemente.

A linguagem corporal ocupa uma posição única no aprendizado humano. Tem funcionado como meio de armazenar e transmitir informações, veículo para o intercâmbio de ideias e meio para que a mente humana seja capaz de conceituar (DONDIS, 1997, p. 14).

Retratar esses assuntos por meio da fotografia é trazer à visão da sociedade uma série de experiências visuais para expandir nossa capacidade de entender uma mensagem visual, o que, como já visto, é parte integrante do processo de comunicação.

**Fotografia e Semiótica: notas e significações sobre os gestos dos habitantes de Brasília – DF** tem como fim a produção de um livro, com fotografias de pessoas comuns, a fim de fazer uma análise da comunicação não verbal num vasto universo de símbolos que identificam expressões faciais e corporais, gestos e estados de espírito em situações do cotidiano urbano.

## 6. Referencial teórico

### a. Linguagem corporal/ não verbal

Nosso corpo fala por intermédio das emoções, falamos com o corpo mediante a um sistema de gestos e mímicas, pelo qual expressamos o que sentimos e transmitimos as informações por meio de signos naturais, mais ou menos, codificados pela nossa cultura.

Podemos dizer que o corpo fala na medida em que nos dá informações sobre a identidade e a personalidade das pessoas: sobre o sexo, a idade, a origem étnica, social, o estado de saúde, e mais, particularmente, no que diz respeito, sobre o caráter. (GUIRAUD, 1991, p. 12).

Imaginamos o mundo segundo o modelo de nosso corpo, e assim formamos um conjunto de conceitos e de palavras a partir de expressões corporais. Expressões como colocar a mão na boca, coçar os olhos, esfregar as mãos, cruzar os braços, cruzar as pernas atestam a existência de uma relação entre gestos corporais e sentimentos ligados a eles. Essas expressões são claras e, se não universais, em sua maior parte são espontâneas e bem difundidas. Segundo Guiraud (1991, p. 29), “o gesto é a locução que o traduz em linguagem articulada e tem sem dúvida uma origem natural e biológica”. O signo gestual raramente está isolado encontra-se num contexto de outros signos a que está associado, dos quais extrai significado, podendo ter diversos sentidos dependendo da situação.

“Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos” (BORDENAVE, 1997, p. 36). Ela é fundamental nas relações pessoais, empresariais, sociais e educacionais. Pode ser feita de várias maneiras, entretanto, só existe realmente entendimento quando a mensagem é recebida com o mesmo sentido com o qual ela foi transmitida. A comunicação não é somente a linguagem verbal, ela é feita em grande parte pela linguagem não verbal. O importante é que uma esteja em concordância com a outra, de forma que a comunicação seja um processo completo e coerente.

Para Epstein (1987), a comunicação humana não verbal através de sinais paralinguísticos de cada cultura humana - os gestos das mãos, a postura do corpo, e expressão do rosto, por exemplo, são mais ou menos comparáveis em número às configurações de sinais dos animais. O ser humano usa, em média, cerca de 150 a 200 desses típicos gestos enquanto se comunica. Se cada configuração corresponder a um significado diferente, é fácil verificar que a variedade a ser transmitida dessa forma é bastante limitada.

As informações são recebidas e decodificadas, influenciadas pelas percepções individuais, do ambiente e das próprias sensações. Na linguagem não verbal esta comunicação sensorial é predominante, como meio de aceitar ou rejeitar a mensagem. A linguagem corporal é tão forte que não se consegue esconder nem de si mesmo, nem de um observador avisado, ela transcende a consciência. Por isso é tão importante que a corporal esteja em consonância com a verbal.

O corpo fala e fala mesmo. Aponta as mentiras, expõe verdades

inconscientes, reforça as ideias, dá ênfase à comunicação, favorece ou dificulta o entendimento e promove a interação com emissor e receptor da mensagem.

A linguagem não-verbal é tão importante que, mesmo entre países de idiomas diferentes, entre povos com culturas diferentes, há uma compreensão da mensagem através da expressão não-verbal: um sorriso é sempre um sorriso, o choro é sempre choro, a arrogância é sempre arrogância, o nervosismo passado através de gestos como suor nas mãos, atitudes tensas, e assim por diante passam a mensagem, não importa se estamos de um lado do mundo ou do outro. O gesto é uma forma de comunicação não-verbal que possui uma grande expressividade que permite demonstrar uma variedade de sentimentos e pensamentos. Podem ser utilizadas uma ou mais partes do corpo, às vezes o corpo inteiro, mãos, braços, pernas, cabeça e expressões fisionômicas.

Os gestos representam algo e dão sentido a alguma coisa. Segundo Vilém Flusser (1994), “os gestos são movimentos do corpo que expressam uma intenção”. Para entender os gestos é necessário interpretar sua forma de expressão, sua intenção e conhecer o seu significado. Para Flusser, deve-se considerar o gesto como um fenômeno e não como uma interpretação codificada.

E, mesmo admitindo o caráter interpretativo dos gestos (é o que antes se denominava sua dimensão espiritual), cedem, no entanto, a tendência de reduzir o gesto a umas explicações causais (que se chama natureza). E o fazem para ter direito de chamar ciências. Isso é justamente o que impede as ditas disciplinas (psicologia, sociologia, economia e linguística) elaborar uma teoria da interpretação do gesto (FLUSSER, 1994, p. 3).

A linguagem não verbal é tão forte, que um gesto pode dizer mais que mil palavras, ele expressa e articula aquilo que representa simbolicamente. “O gesto é anterior à palavra. Dedos e braços falaram milênios antes da voz. [...] Sem gestos, a palavra é precária e pobre para o entendimento temático” (CASCUDO, 2003). É uma comunicação nítida, através dos gestos determinamos sentimentos que podem ser positivos ou negativos. Representa algo, porque por si só trata de dar um sentido a alguma coisa.

Os gestos expressam e articulam aquilo que representam simbolicamente. Sem o gesto a palavra é precária e pobre. Cascudo (2003), em seus estudos diz que “o gesto é a primeira linguagem humana”.

Através da história tem ocorrido linguagem de sinais na qual os gestos substituíram efetivamente as palavras. Na verdade, alguns cientistas admitem que a primeira língua do homem foi a do gesto e

chamam a atenção para o fato de que, aparentemente, as pessoas aprendem a linguagem do sinal com maior facilidade (ADORNO, 2010, p. 70).

Com a evolução e o aperfeiçoamento de outras formas de comunicação o gesto não deixou de ter sua importância. A comunicação verbal e não verbal é um processo contínuo de aprimoramento.

O ser humano evoluiu e com essa evolução a comunicação verbal e comunicação dos gestos o acompanharam. Com a capacidade de representar o mundo verbalmente, o homem avançou até o pensamento lógico. Mas as imagens e os gestos com que também nos exprimimos não desapareceram. “[...] Ao mesmo tempo, em nossa sociedade de alta tecnologia recuperamos linguagens imediatas e intuitivas, não verbais.” (WEIL, 2001, p. 9) Os gestos e a comunicação não verbal acompanharam o homem pré-histórico e atualmente acompanham o homem da sociedade altamente tecnológica.

Gesto provém do latim *gestus* (maneira de proceder, atitude, movimento expressivo) “[...] O gesto é, portanto, uma ação corporal visível, pela qual certo significado é transmitido por meio de uma expressão voluntária.” (RECTOR, 1990, p. 23).

Os gestos estão presentes na história e na evolução do homem, ou melhor, comunicação e gestos ao longo da história humana não se separaram, pois onde havia algum ser humano se comunicando, ali certamente existiam gestos simples e universais. Não se separa o corpo dos gestos nem os gestos do corpo. A comunicação do corpo se faz em grande parte pelo recurso dos gestos.

### **b. Semiótica**

A Semiótica é a ciência geral dos signos e da semiose que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sógnicos, vem do grego *semeiotiké* que significa “a arte dos sinais”. A semiótica se ocupa do estudo do processo de significação ou representação, na natureza e na cultura, do conceito ou da ideia, estuda o mundo das representações e da linguagem. Ela tem como objeto qualquer sistema de signo, como as imagens, os gestos, os sons melódicos, os objetos, ou seja, todas as linguagens possíveis.

As linguagens se referem a uma gama incrivelmente lotada de formas sociais de comunicação e de significação, inclui não só a linguagem verbal, mas, também

a linguagem dos surdos-mudos, e tantos outros sistemas de produção de sentido que servem para transmitir um determinado número de significados diferentes.

Segundo Lucia Santaella (2007), toda atividade ou prática social constituem-se como práticas de produção de linguagem e de sentido.

Todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido (SANTAELLA, 2007, p.12)

Qualquer sistema semiológico se cruza com as linguagens. São elementos da semiologia: a língua; a fala; significado e significante; sintagma e sistema; e denotação e conotação. O campo semiótico não é dado, foi construído lentamente, e as noções de signo, texto e significado foram sendo constituídas progressivamente.

É importante citar duas clássicas definições fornecidas pelos pioneiros da semiótica contemporânea, o norte-americano Charles Sanders Peirce e o suíço Ferdinand de Saussure.

Segundo Saussure (1916) (APUD SANTAELLA, 1999, p. 480) “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e por isso, é confrontável com a escrita, o alfabeto dos surdos-mudos, os ritos simbólicos, as fórmulas de cortesia, os sinais militares, etc. Ela é, simplesmente, o mais importante de tais sistemas. Pode-se, assim, conceber uma ciência que estuda a vida dos signos no quadro da vida social; ela poderia fazer parte da psicologia social, e, em consequência, da psicologia geral; chamá-la-emos semiologia”.

A definição dada por Peirce (1931) é a de que “a semiótica, isto é, a doutrina da natureza essencial e das variedades fundamentais de cada semiose possível [...] Por semiose entendo uma ação, uma influência, que seja ou envolva uma cooperação de três sujeitos, como por exemplo um signo, o seu objeto e o seu interpretante” (PEIRCE, 1931, APUD SANTAELLA, 1999, p. 484).

Os signos são entidades tão centrais e importantes em semiótica que servem como elos de mediação no processo semiótico, eles organizam os códigos em linguagens constituindo tema central da teoria da comunicação. Segundo Peirce(1931), “um signo é signo quando há alguém que possa interpretá-lo como

signo de algo”. É algo que responde por outra coisa que representa outra coisa, que é interpretado e ou compreendido por alguém.

O significado é então a interpretação desse signo, que, por sua vez, indica um objeto” (EPSTEIN, 1987, p. 21). O significado e significante são na terminologia saussuriana os componentes do signo. Entendendo que o significado não é uma coisa mas, uma representação psíquica da coisa, que permite a formação da imagem na mente do indivíduo quando ele entra em contato com o significante que é a representação física do signo, de forma sonora e ou imagética.

O signo, para Saussure (1916), é um elemento binomial, a sua natureza é dicotômica. O significado e o significante traduzem as pontas da bifurcação do signo, agem dialeticamente, embora sua relação de reciprocidade seja considerada pelo próprio Saussure como arbitrária. Não é possível admitir a existência do significante sem o significado e vice-versa, assim como não é possível estabelecer ou definir um elemento de relação objetiva entre o conceito e sua imagem acústica.

É disso que trata a Semiótica de Peirce: o modo como os seres humanos reconhecem e interpretam o mundo à sua volta, a partir das inferências em suas mentes. As coisas do mundo, reais ou abstratas, primeiro aparecem como qualidade, depois como relação com alguma coisa que já é conhecida e por fim, como interpretação, em que a mente consegue explicar o que é captado, ao que Peirce chamou de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é independentemente de qualquer outra coisa. Só pode ser uma possibilidade. Por exemplo, o modo de ser da vermelhidão, antes que exista qualquer coisa vermelha no mundo é, não obstante, uma possibilidade qualitativa positiva. A secundidade, por sua vez, já pressupõe algo concreto, real; é algo bruto. Não há razão nela. Está ligada à noção de efeito, o qual só se verifica frente à uma causa. Finalmente, temos a terceiridade. Este modo de ser é uma espécie de regra à qual os fatos (secundidade) futuros se conformarão. É, conseqüentemente, uma lei geral (PEIRCE APUD SANTAELLA, 1955, p. 25-26).

Todo esse processo é feito pela mente a partir dos signos que compõem o pensamento e que se organizam em linguagens.

Os conceitos da teoria Peirce, são meios de indagação que permitem descrever, analisar e interpretar linguagens, são instrumentos para o pensamento, que quando seriamente decifrados e bem empregados, ajudam na atividade de leitura e revelação da realidade (SANTAELLA, 2007, p.70).

A importância da semiótica para esse estudo é que ela é uma ciência que possibilita a descrição e análise representativa dos objetos, o que contribui para a eficácia na comunicação social na medida em que se estuda a utilização da linguagem verbal e não-verbal.

Tomaremos como estudo a semiótica visual do espaço buscando compreender nele os elementos e as manifestações de linguagem verbal e não-verbal. “O espaço é objeto de investigação de várias áreas do conhecimento” (FERRARA, 2002, APUD ARGAN, 1998, p.95). É na arquitetura das cidades que encontramos o passado e o presente da civilização, nela podemos traduzir gostos, estilos, histórias, crenças, valores e a própria cultura. Para compreender as representações do espaço é necessário fazer interpretações que decorram da experiência cotidiana dentro de um processo de coletividade. “O espaço é uma categoria mutável na história e no tempo” (FERRARA, 2002, APUD ARGAN, 1998, p.118). As dimensões do espaço na cidade podem ser representadas através de formas, ícones, imagens, textos visuais, barulhos, ruídos, cheiros. Toda semiótica da cidade é visual, diversa e múltipla.

A semiótica visual da cidade constitui uma experiência pedagógica do olhar na cidade: ensina-se a ver a cidade através da leitura das suas marcas. (FERRARA, 2002, p.124). Estuda o que ocorre no espaço seus signos da construção e dos seus modos de produção.

A Semiótica pode ser um poderoso instrumento no sentido de poder servir às duas pontas desse “sistema de comunicação visual” (ARGAN, 1998, p.81) que seriam as cidades, pois auxiliaria aqueles que desenham o ambiente que nos cerca, assim como aqueles que o apreciam, ou seja, a coletividade. Isto porque, “a ampliação da consciência visual possibilita a construção de um repertório de imagens significativas para o sujeito, capacitando-o a imaginar, criar, compreender, ressignificar, criticar, escolher entre uma infinidade de ações possíveis” (BUORO, 2002, p.46), buscando um ambiente urbano mais significativo e agradável de habitar.

### **c. Fotografia e semiótica**

A fotografia, surgida em meados do século XIX, foi reconhecida como a maneira mais adequada para documentar a sociedade e suas respectivas transformações, foi uma das maiores criações humanas, mudando a sua história e

proporcionando ao homem um instrumento fundamental na busca da própria identidade.

A fotografia capta um momento, uma realidade presente/passado, no momento em que ocorre, momento único, jamais repetido, jamais revivido. Ela é utilizada como fonte, como objeto de análise, e como recurso pedagógico a fim de despertar o interesse pelo estudo da história das sociedades passadas.

Tirar foto é uma arte. Arte de desenhar em luz é um momento que se transforma em uma paisagem para posteridade. É a captação de um momento único, que não se repetirá e se transformará em imagem. Assim podemos trazer para o presente algo que ocorreu no passado.

A fotografia é capaz de revelar mais do que um simples momento. Ela pode captar sentimentos e expressões, e até traduzir traços de personalidade. Tem força expressiva capaz de traduzir o estado de humor (alegria, tristeza, irritação entre outros) da pessoa fotografada, o que pode repassar esse mesmo sentimento a quem vê a foto. Ela vem sendo cada vez mais utilizada como fonte, como objeto de análise e como recurso pedagógico.

Quando as imagens visuais, dentre elas a fotografia, são utilizadas como fontes de pesquisa histórica, é porque funcionam como mediadoras e não como reflexo de um dado universo sociocultural. Integram um sistema de significação que não pode ser reduzido ao nível das crenças formais e conscientes. Pertencem a ordem do simbólico, da linguagem metafórica. São portadoras de estilos cognitivos próprios. (BORGES, 2003, APUD SANTAELLA, 1999, p. 18)

A fotografia não é apenas um produto e sim um objeto dotado de autonomia estrutural que funciona como ícone e índice, reproduzindo a realidade e sua semelhança em relação a ela.

Peirce define o signo fotográfico com respeito à sua relação com o objeto (a secundidade do signo), por um lado, como ícone; por outro, como índice. É assim que fotos são, de certo modo, exatamente como os objetos que elas representam e, portanto, icônicas. Por outro lado, elas mantêm uma 'ligação física' com seu objeto, o que as torna indexicais, pois a imagem fotográfica é obrigada fisicamente a corresponder ponto por ponto à natureza. (SANTAELLA, 1999, p. 110)

Segundo Berger (1984) (APUD DONDIS, 1997) a fotografia não só representa a realidade, como também cria, e finalmente é capaz de distorcer nossa imagem do mundo representado. A realidade da Imagem fotográfica é muito

complexa, por seu valor semiótico apresentar uma mensagem multicodificada. E, como afirma Barthes (1985, p.132), na foto, a imagem transforma-se numa escrita, a partir do momento em que é significativa.

É um meio de expressão que pode ser usado de variadas formas: como fonte histórica, se for tomada como um fragmento de realidade; um aspecto do passado, cuja decisão de registro e de fixação de um certo dado foi uma opção do autor. Para tal, faz-se necessário levantar os diversos aspectos contidos na fotografia e sua contextualização, perceber os conteúdos subjacentes e os motivos para seu registro.

A fotografia aqui é entendida como um artefato social e documento/monumento (LE GOFF, 1990, APUD BUORO, 2002) que perpetua a história de indivíduos e da sociedade, a memória coletiva e possibilita desvendar as múltiplas faces do passado.

A fotografia, como apontou Susan Sontag (1986), tem uma multiplicidade de sentidos. Ela traz os dizeres: “aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência” (1986, p. 30). Ela faz um convite ao seu desvendamento. Ressalta, porém, que um dos pontos de partida para a sua leitura está no conhecimento da realidade representada na imagem, pois seu desconhecimento poderá levar a múltiplos equívocos.

Como qualquer outro tipo de imagem, a fotografia é um signo, sendo, portanto, na sua referência a aquilo que está fora dela e que ela registra, um duplo. Qualquer signo, por sua própria natureza, na sua relação com aquilo que é por ele indicado ou que está nele representado, é um duplo. Só pode funcionar como signo porque representa, substitui, registra, está no lugar de outra coisa que não é ele próprio, daí ser necessariamente um duplo (SANTAELLA 1985, p.163).

A foto é a testemunha ocular do fato, é a comprovação do ocorrido, é a existência contida na imagem. A foto motiva mudanças de comportamento e de pensamento, é força motriz de relacionamentos e cria empatia entre o fotógrafo e o ser fotografado.

A Semiótica configura-se assim, numa importante ferramenta na decodificação desse aparentemente complexo universo imagético que nos rodeia. O registro fotográfico proporciona comunicação, é fator de reflexão e de questionamento, são signos que revelam inúmeras possibilidades de

interpretações, ainda que num momento congelado e guardado para sempre ela reproduzindo ao infinito algo que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.

## **7. Metodologia**

Este é um memorial descritivo composto pela parte técnica e pelo trabalho de campo com a finalidade de desenvolver um livro de fotografias. O processo de organização metodológica foi construído a partir dos estudos de conceitos como fotografia, linguagem/expressão corporal e elementos da semiótica como, por exemplo, signo, significado e significante. Esses processos de pesquisa foram importantes para complementar a abordagem sobre o objeto principal através de um conhecimento mais aprofundado dos temas citados.

O tema surgiu de uma união de ideias entre fotografia e linguagem corporal com o objetivo de desenvolver um produto, e o mais adequado foi a elaboração de um livro fotográfico com análises gestuais, utilizando estudos sobre semiótica e linguagem corporal.

A pesquisa foi realizada em quatro etapas. A primeira é a pesquisa bibliográfica que foi realizada por meio de uma seleção de autores e conceitos relacionados aos temas de fotografia, linguagem dos gestos e elementos da semiótica, que serviram para a verificação e recolhimento de dados e fatos importantes relacionados ao objetivo do projeto.

A segunda etapa foi a captação de imagens de pessoas em Brasília em cenas do cotidiano, a fim de identificar os gestos e as suas significações. As fotos foram capturadas entre os dias 14 a 21 de setembro. Todas foram feitas ao acaso durante as saídas fotográficas e estão contextualizadas em paisagens da cidade como, por exemplo, a Torre de TV e o Lago Paranoá. Nas saídas a campo a maior dificuldade foi captar imagens com gestos claros e definidos, pelo fato das pessoas estarem se movimentando naturalmente sem saber que estavam sendo fotografadas, e por esse motivo foram perdidas muitas imagens. Outro desafio foi o de ajustar os equipamentos às condições de luz ambiente para fazer as fotos desejadas.

A proposta fotográfica utilizada foi fotografia documental de cenas do cotidiano dos habitantes de Brasília, onde foram utilizadas duas câmeras digitais (NIKON

D90) e foram realizadas fotografias livres, corporais e de face, revelando a linguagem corporal.

À medida que as imagens foram captadas todas foram arquivadas, e durante todo o transcorrer do período de produção foram comparadas, selecionadas e apreciadas para a construção de elementos e signos para a confecção do livro.

Na terceira etapa, com as imagens já escolhidas, foi realizada uma análise reflexiva sob o ponto de vista da linguagem corporal, utilizando elementos da semiótica, o estudo sobre os gestos do filósofo tcheco Vilém Flusser, que defende uma teoria sobre a interpretação dos gestos, e também o estudo de Pierre Weil em *o Corpo Fala*.

Por fim, o livro produzido e finalizado, em formato 15x15cm, com 62 páginas (incluindo as capas) e papel couchê 150gr, foi estruturado da seguinte forma: de um lado a fotografia e de outro a sua análise semiótica dentro da visão da comunicação não-verbal. Para a criação do livro foi contratado um designer gráfico que ficou responsável por toda a identidade visual e diagramação do mesmo e a escolha da gráfica Central Park foi por indicação de um profissional da área.

## 8. Cronograma

<b>Atividades</b>	<b>Julho</b>	<b>Agosto</b>	<b>Setembro</b>	<b>Outubro</b>	<b>Novembro</b>
Pesquisa bibliográfica	X	X			
Memorial do projeto experimental	X	X			
Captação de imagens – fotos			X		
Análise das fotografias			X		
Produção/diagramação do livro de fotografias				X	
Revisão				X	
Entrega do TCC					X

## **9. Considerações finais**

A elaboração deste trabalho marca o fim de uma etapa de três anos e meio de aprendizado. Para a produção do livro “Fotografia e Semiótica: notas e significações sobre os gestos dos habitantes de Brasília”, diversos conhecimentos adquiridos durante este tempo foram lembrados. Das primeiras disciplinas teóricas do curso, que abordavam as teorias comunicacionais, às últimas, que reforçavam o senso crítico e a prática, contribuíram para a constituição deste livro e deste memorial.

O desenvolvimento do trabalho se construiu na busca por informações teóricas, pesquisas bibliográficas, captação das imagens, análises gestuais das fotografias até a produção do livro.

É importante destacar que os gestos estão presentes na história da humanidade dando sentido e representando simbolicamente as palavras, a comunicação do corpo se faz em grande parte pelos recursos dos gestos. Essa comunicação é um processo contínuo e de aprimoramento.

O ponto forte desse projeto foi a dedicação e comprometimento em mostrar que a linguagem corporal envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras.

## 10. Referências

- ARGAN, G. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARTHES, R. **A Câmara Clara**: nota sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Editora Cutrix, 2006.
- BARTHES, R. **Mitologias**. São Paulo: Editora Difel, 1985.
- BORDENAVE, J. **O que é comunicação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- BUORO, A. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.
- CASCUDO, L. C. **História dos nossos gestos**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2003.
- DONDIS, D. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.
- ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1991.
- EPSTEIN, I. **O signo**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- FLUSSER, V. **Los gestos: fenomenología y comunicación**, Barcelona: Herder, 1994.
- GUIRAUD, Pierre. **A linguagem do corpo**. São Paulo: Ática, 1991.
- NETTO, J. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2001.
- RECTOR, M.; RAMOS, A. **Comunicação do corpo**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- SANTAELLA, L.; NOTH, W. **Imagem: Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.
- PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: EDUSP, 2010.
- WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.